

**Devir-comida:** corpo, afetos e educações em encontros gustativos

**Becoming-food:** body, affections and educations in taste meetings

Tiago Amaral Sales<sup>1</sup>  
Daniela Franco Carvalho<sup>2</sup>

### Resumo

Este texto consiste em escritas que surgiram a partir dos encontros entre os nossos corpos e a comida. Utilizamos a cartografia como trajeto de pesquisa, embasados epistemologicamente na filosofia da diferença, sobretudo com o aporte teórico dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari. O objetivo deste artigo é pensar em aprendizagens e educações que se fazem nos encontros rizomáticos entre um corpo e o mundo, a comida e outros corpos. Inicialmente, pensamos em educações afetivas pelo corpo nos encontros com a comida. Já na segunda seção, produzimos escritas-encontros para dar vazão aos afetos que pedem passagem, em diálogo com imagens que participam de nossas narrativas cartográficas. Por fim, refletimos nas escritas-encontros, nas imagens e nos afetos que atravessaram os nossos corpos pelos encontros com a comida e os processos a ela associados, agenciando educações e aprendizagens gustativas. Através dos nossos trajetos cartográficos, pensamos em educações (im)possíveis a partir dos afetos e potências que emergem pelos encontros gustativos que permeiam nossas trajetórias. Compreendemos que a comida agencia encontros que atravessam todo o nosso corpo e possibilita devires em aprendizagens diárias que nos formam e transformam.

**Palavras-chave:** Cartografia; Comida; Corpo e Educação; Encontros e Afetos.

### Abstract

This text consists of writings that emerged from the encounters between our bodies and food. We used cartography as a research path, epistemologically grounded in the philosophy of difference, especially with the theoretical contribution of authors Gilles Deleuze and Félix Guattari. The purpose of this article is to think about learning and education that take place in the rhizomatic encounters between a body and the world, food and other bodies. Initially, we think of affective education by the body in encounters with food. In the second section, we produce writing-encounters to give vent to the affections that ask for passage, in dialogue with images that participate in our cartographic narratives. Finally, we reflect on the writing-encounters, the images and the affections that crossed our bodies through the encounters with food and the processes associated with it, promoting education and gustatory learning. Through our cartographic paths, we think about (im)possible educations from the affections and powers that emerge through the gustatory encounters that permeate our trajectories. We understand that food mediates encounters that cross our entire body and allows becomings in daily learning that form and transform us.

**Keywords:** Cartography; Food; Body and Education, Meetings and Affections.

---

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO – Criação, arte e vida (UFU); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: [tiagoamaralsales@gmail.com](mailto:tiagoamaralsales@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora doutora no Instituto de Biologia (INBIO) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

## Introdução: PRIMEIROS SABORES

**Imagem 1:** Corpo-comida.



Fotos do primeiro autor e edição de Cássio Mota. Fonte: Arquivo do primeiro autor, 2020.

Um corpo passível de ser devorado. Saboreado, mastigado, deglutido, digerido, excretado. Um corpo formado por outros corpos que o nutrem e também se fundem: corpo-humano-comida. Quantos corpos compõem os nossos corpos? Corpos que, de tão híbridos, tornam-se ciborgues, como propõe Donna Haraway (2000). Um corpo que é animal, vegetal, fúngico. Um corpo-comida? Na Imagem 1, a partir de registros dos nossos encontros-corporais gustativos e das criações resultantes desses processos, em manipulações digitais,

criamos um outro corpo que é nosso na medida em que é uma composição de tantos outros. Um corpo completamente ciborgue.

Não há nada mais biológico do que o corpo, nada mais cultural que o corpo. Corpo que não é unidade, mas superfície de multiplicidades. Corpo que não é divisa, não é limite, é abertura, superfície de contato. Com ele “apalpamos as intimidades” das coisas, saboreamos a vida, cheiramos e recriamos o mundo. O corpo é morada de muitos reinos, nele cabe o universo inteiro, todas as estações, qualquer paisagem, diferentes geografias, ciência e música, alfabeto e álgebra. O corpo é uma heterotopia, um espaço no espaço, que abriga outros, muitos outros territórios (CHAVES, 2020, p. 99).

Como afirma Silvia Chaves (2020, p. 99), o corpo é múltiplo, superfície de multiplicidades, aberturas e contatos, território plural. Corpo (a)temporal e (a)geográfico também por ser muitos: ao se compor por diversos outros corpos de locais e momentos variados, este corpo se desorganiza, bagunça as noções organizadas.

Um corpo é uma coleção de peças, de pedaços, de membros, de zonas, de estados, de funções. Cabeças, mãos e cartilagens, queimaduras, suavidades, emissões, sono, digestão, horripilação, excitação, respirar, digerir, reproduzir-se, recuperar-se, saliva, coriza, torções, câibras e grains de beauté. É uma coleção de coleções, corpus corporum, cuja unidade resta uma questão para si própria. Mesmo a título de corpo sem órgãos, ele tem uma centena de órgãos, cada um dos quais puxa de um lado e desorganiza o todo que nunca mais chega a se totalizar (NANCY, 2012, p. 51).

Corpo, coleção de peças, território de encontros. Aqui pensamos o corpo, inspirados em Lindsay Gianuca e Silvia Balestreri (2020, p. 163) como “[...] um *corpopenramento* cuja matéria é nossa experiência singular de estar e atuar no mundo, de criar novos mundos e inventar modos próprios, pedagogias possíveis”. Quais pedagogias possíveis habitam nossos encontros com a comida?

Por meio dos encontros entre nossos corpos e outros corpos - corpos-humanos, corpos-vegetais, corpos-animais, corpos-comidas, corpos-e... - nos desorganizamos, misturamo-nos, contaminando-nos. O que pode a comida fazer? Quais potências os encontros com os alimentos carregam? O que é possível viver cozinhando? O que aprende um corpo ao experimentar-se no encontro com os alimentos? Aqui nos lançamos em devires através de nossos corpos e de nossas vivências, conectando com a comida, conosco e com os outros que habitam nossos territórios e fazem morada em nós. Inspirados por artistas, sabores e experiências, ganhamos velocidades.

O que buscamos não são respostas fechadas e acabadas, mas sim forças e potências na comida, no corpo e na vida, atravessando tensões e (des)conexões entre tais dimensões. Pensamos na educação e no aprender como processos que se dão nos encontros. Sobre

aprendizagens e educações que acontecem nos encontros, Tamiris Vaz (2017, p. 2) reflete que:

Se aprendizagens podem acontecer em qualquer lugar onde haja encontros, qual o lugar da educação nesse processo? Arrisco-me a dizer que se trata de potencializar as forças entre o aprendiz e o mundo, ajudando-o a perceber suas capacidades de aprender, acompanhando-o na experimentação do cotidiano como multiplicidade e não como unidade, para não tomar essa multiplicidade como acúmulo. Trata-se de pensar as aprendizagens enquanto criações de mundos possíveis e singulares a cada aprendiz (VAZ, 2017, p. 2).

O objetivo deste artigo é pensar em aprendizagens e educações que se fazem nos encontros rizomáticos entre um corpo e o mundo, a comida, outros corpos, e... e... e...<sup>3</sup> Para percorrer estes trajetos-pesquisa utilizamos a cartografia como meio para traçar mapas dos afetos que nos atravessaram pelos encontros-gustativos. Sobre o pesquisar-cartográfico, Suely Rolnik (2011, p. 23) afirma que:

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (ROLNIK, 2011, p. 23).

Cartografar deglutindo tudo que nos passava e que pedia passagem. Afetos que atravessam um corpo pela boca, língua, mãos, pele, nariz, pelos... Pelo corpo todo, bagunçando os limites pré-definidos que nos separam de outros corpos. Para traçar estas cartografias, nos colocamos em movimentos de uma escrita livre que acontece através dos encontros, dando vazão aos afetos em movimentos de escuta do que ressoa em nós. Criamos assim escritas-encontros, dialogando com imagens produzidas por nós ou por artistas os quais nos encontramos através de derivas em redes sociais, compondo com a escrita deste texto, ganhando forças e velocidades.

Sobre a velocidade, Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998, p. 27) afirmam que “[...] a velocidade é ser tomado em um devir, que não é um desenvolvimento ou uma evolução”. Inspirados neste conceito de velocidade, entramos em movimentos diversos a partir dos nossos encontros com a comida, em devires. Um devir-comida, borrando os limites corporais que nos constituem humanos e nos separam do que ingerimos. Um devir-molecular, em microconexões rizomáticas corpo-alimento. A partir da escrita intensificamos esta velocidade, pois “[...] escrever deve produzir velocidade” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 27).

---

<sup>3</sup> Inspirado no conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (2011). Segundo os autores, “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48).

Produzimos escritas-encontros em velocidades a partir das experiências que vivemos, nos atravessando e compondo nossas subjetividades. Segundo Jorge Larrosa (2011) a experiência “[...] me forma e me transforma” (p. 7), sendo “[...] um passo, uma passagem, um percurso” (p. 7) que “[...] ao passar por mim ou em mim, deixa uma vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida” (p. 8).

A experiência é o que me passa. Não o que faço, mas o que me passa. A experiência não se faz, mas se padece. A experiência, portanto, não é intencional, não depende de minhas intenções, de minha vontade, não depende de que eu queira fazer (ou padecer) uma experiência. A experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição (LARROSA, 2011, p. 18).

Em escritas-encontros que se fazem livremente nos entres, entramos em contato com o que nos passa e com os afetos agenciados pelo vivido, pela experiência. “A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade” (LARROSA, 2011, p. 19). Assim, caminhamos em movimentos de liberdade pelos sabores e potências afetivas, em platôs de escritas-encontros que se fizeram entre corpo-comida, sendo eles: A Boca; O Coração, Mãos que Comem; Me Servir; Cozinhar: a ciência dos afetos; e O meu cozinhar.

## **DEVIR-COMIDA**

### **A Boca**

A boca que come, que beija, que ama, que grita, que fala, que canta, que chora junto dos olhos.

A boca é uma parte importantíssima do nosso corpo.

Ela é mais que uma estrutura orgânica.

Ela é cultural, social, artística, filosófica.

A boca é poética.

A boca é ciborgue.

São colocados *piercings*, batons, tatuagens e silicone na boca.

Come-se comida e também palavras, emoções... tudo pela boca.

Corpos se unem pela boca.

Línguas se misturam.

Palavras, toques, sabores.

Percebe o mundo.

Devora e vomita sentimentos.

A entrada da comida é a boca. Mas não só.

A entrada da comida é pela boca, pelos olhos, pelo nariz, pelos ouvidos.

A entrada da comida é o corpo.

Comer é muito mais do que ingerir calorias e nutrientes.

Comer é experienciar.

É debruçar sobre a produção.

Produção sua ou do outro.

Produção sua e do outro.

Produção coletiva.

Que no fim, entra pela boca.

**Imagem 2** - Estar no meio da boca a navegar.



**Fonte:** Produção do artista Lucas Dupin publicada em sua página do Instagram (Dupin, 2016).

Entrar na boca, inspirado na obra de Lucas Dupin (2016).

Estar no meio da boca,

No meio das sensações

A navegar...

Perder-se e se encontrar

Em si,

No outro,

Na comida,

Nos perigos,

Na fome que move,

No contato,

No tato e no paladar.

### **O Coração**

Engana-se quem pensa que não se come pelo coração.

A comida da boca chega ao peito.

Calorias aquecem o corpo.

Fazendo pulsar.

Vibrar.

Nutrir.

Viver.

O coração bombeia sangue.

Veias e artérias,

Entrelaçadas, como na obra de Karen Dolorez (2019),

Em tramas afetivas

Que nutrem um corpo

Pelo encontro com outros corpos

Em fios que tecem uma vida,

Em meio a outras vidas.

**Imagem 3** - Corações em conexões.



karendolorez



**Fonte:** Produção da artista Karen Dolorez divulgada em sua página do Instagram (Dolorez, 2019).

Carboidratos, proteínas, lipídios,  
Hemácias, ferro,  
Músculos, ossos, cérebro, fígado, rins e pulmões,  
Células nutridas pelas batidas,  
Pelas pulsações.  
Comida de mãe,  
Doce de avó,  
Cheiro de saudade,  
Aperto no peito.  
Ânsia? Desejo? Infarto?  
Alegria, tristeza, medo, raiva, amor.  
Sentimentos?  
Afetos.  
Vômito, garfadas, desejos.  
Corpos que se entrelaçam.  
Histórias mutantes

Unidas por artérias.  
Artérias que carregam cheiros, cores e sabores.  
Artérias-narrativas, levando memórias por todo o corpo,  
Sempre passando pelo coração.

### **Mãos que comem**

Mãos que comem, que sentem, que saboreiam.  
Mãos que deglutem, digerem, excretam.  
Mãos que cultivam.  
Plantar, regar, colher...  
Mãos que plantam, regam e colhem.  
Mãos que transportam, que falam, que vendem.  
Mãos que trabalham.  
Mãos que lavam, que cortam, que cozinham.  
Mãos que produzem.  
Mãos que transformam vidas em alimentos.  
Mãos que fazem do alimento a vida.  
Mãos que nos permitem comer, viver e sentir,  
Que preparam e conduzem  
Com risos e choros  
A comida que nos alimenta de corpo inteiro.  
Mãos que se servem.  
Na Imagem 4, me servir.  
Pelas mãos, em encontros,  
Ao outro, em entregas sem fim...

**Imagem 4** - Mãos que comem e se servem.



Registro do primeiro autor e manipulação digital de Cássio Mota. **Fonte:** Arquivo pessoal do primeiro autor.

**Me servir**

Me expor.

Me servir.

Me jogar ao outro.

Movimentos de entrega com pitadas de medo e insegurança.

Movimentos de espera, ânsia, agitação.

Movimentos com o outro,

Me servindo, me abrindo,

Permitindo ser lido, degustado, sentido,

Sacralizado ou profanado,

Devorado.

Me sirvo neste trabalho.

Me sirvo pelas mãos

Que escrevem, cozinham, tocam, devoram.

Me sirvo pelo corpo inteiro,  
Me sirvo de corpo inteiro.  
Me sirvo em tantas situações, em tantas emoções.  
Em mesas repletas de opções, sou mais uma,  
Repleta de vida e intensidades,  
De desejos, sonhos e dores,  
Mais uma vida...  
Um corpo-vivo...  
Afetado pelo passado,  
Pensando no futuro  
E vivendo intensamente.  
Agora.  
Me sirvo em bandejas,  
Corpo sem órgãos,  
Corpo vivo.  
Me sirvo como potências,  
Movimentos.  
Me sirvo pronto.  
Jamais acabado.

### **Cozinhar: a ciência dos afetos**

Cozinhar é colocar-me em movimentos de um devir-cientista.  
Manipulação de compostos,  
Mistura dos diferentes,  
À procura dos possíveis.  
Mineral, vegetal, animal, fúngico, protista...  
Terra, fogo, água e ar.  
Inspirado na obra de Clarice Borian (2019), devir-comida na cozinha.  
Um devir-cientista não científico,  
Com passos,  
Mas não passível de ser replicado totalmente a partir de receitas:  
É a ciência do cotidiano, dos segredos e do inusitado.  
Um devir-alquimista.

Devir-menor da comida, da ciência da vida.  
Ao invés de passos, compassos:  
Coração que pulsa,  
Batimentos em intensidades,  
Nos processos do cozinhar.  
Cozinhar é a ciência da vida, do agora, dos meios,  
Pois como tudo na vida, o inesperado pode acontecer.  
Inesperado-fonte-de-surpresas,  
Mina de afetos,  
Transbordantes.  
Ingredientes-potência-de-vida,  
Afetamentos e vibrações.  
Fluxos vitais, fluxos alimentares.  
Seria possível comer sem ser afetado?  
A energia dos afetos me move e está presente na minha comida, escrita e vida.  
Sei que não só nas minhas receitas e pratos, mas nos de tantas pessoas Brasil e mundo afora...  
Emoções, sabores, memórias...  
Cheiros e cores cuidadosamente preparados pela ciência do cotidiano.  
Ciência-cotidiana repleta de memórias, histórias e marcas.  
A comida também carrega dor, tristeza, luta:  
Do pequeno agricultor que sofre com a pressão dos grandes fazendeiros;  
Da cozinheira que trabalha dez horas por dia em um local insalubre, cozinhando para centenas de pessoas que sequer sabem quem ela é;  
Dos sujeitos que sofrem com conflitos entre o comer e os seus corpos;  
Dos tantos que não tem o que comer.  
Cozinhar é a ciência dos afetos,  
Afetamentos,  
Das dores e delícias,  
Tristezas e angústias,  
Alegrias, emoções, rotinas, saudades...  
Afetos que nos atravessam também perpassando as refeições,  
Encontrando pelo caminho os carboidratos, proteínas, sais minerais, causando transformações.

Imagem 5 - Ciência dos afetos.



**Fonte:** Produção da artista Clarice Borian divulgada em sua página do Instagram (Borian, 2019).

A cada mordida já não sou mais o mesmo:

Sou outro.

Outro em pensamentos e emoções.

Outro em afecções.

Em medos, alegrias, culpas, anseios, desejos, esperanças...

Outro em conexões.

Encontro-me com o outro pela comida,

Centenas de pessoas em cada refeição.

Encontro com outros...

Outros sujeitos, outras sensações,

Outras formas de viver e existir.

Encontro-me como outros...

Em outramentos

Com o novo-eu: novo *bioquimicafetivamente*.

Encontro-me com a ciência, com a vida.

Encontro consciência

Pulsando em mordidas pelo corpo.

### **O meu cozinhar**

O meu cozinhar é permeado de emoções.

É processo criativo,

Território de movimento,

Espaço de afecções.

Forjo corpos-comida, como na Imagem 1,

Enquanto degusto e sou degustado.

Não cozinho apenas para comer, mas para expressar o que sinto, para experimentar outros sentidos.

Me encontro com a comida para materializar os afetos que me compõem.

Comida e afetos nutrindo um corpo.

Cozinho quando estou triste e também quando estou alegre.

Às vezes, muitas vezes, detesto cozinhar.

E nesses dias de desinteresse e desmotivação, nada presta.

Nada sai bom, nada fica bonito, tudo é só desinteressante.

Em outros dias cozinho com saudade de sabores antigos.

Saudade de momentos, de filmes, de bocas, de cheiros, de pessoas...

Saudade é um sentimento bom para motivar a cozinhar,

Movimenta tantas sensações interessantes...

Comida com gosto de lar,

Com cheiro de conforto,

Com cor de viagem...

Comida desejosa, comida-desejo.

Comida que mexe no corpo inteiro.

Gosto de cozinhar quando estou alegre,

A alegria movimenta a cozinha

E as receitas rapidamente vão fluindo.

Alegrar-me pelo bom encontro com a comida.

De tempos em tempos a alegria é tão grande que o preparo sai todo errado e o resultado fica péssimo.

É que alegria demais desconcentra e o controle se perde.  
Cozinha-desgovernada.  
Mas o tempero que não pode faltar na cozinha é a companhia:  
Companhia de músicas, de amigos, de memórias, de amores...  
Companhias virtuais, companhias materiais.  
Companhia de pessoas.  
Gosto de cozinhar acompanhado, assim como gosto de cozinhar sozinho.  
Na vida é preciso equilíbrio.  
O mesmo vale para a cozinha:  
Equilíbrio entre o sal e o açúcar,  
Entre a tristeza e a alegria,  
Entre o frio e o quente.  
Balanços, composições não binárias.  
Misturas.  
Mas confesso que tenho apreço pelos desequilíbrios...  
Sou a favor de desequilíbrios equilibrados,  
Loucuras com cautela,  
Delírios com os pés no chão.  
Tempero a vida equilibradamente com pitadas de desequilíbrios.  
Tanto na vida quanto na cozinha, procuro a experiência como meio.  
E é no meio que vivo, amo, aprendo, choro, rio, brinco e sou sério.  
É no meio que as coisas acontecem, esquentando e esfriando.  
O meio pede coragem.

### **CORPO-COMIDA: ENCONTROS, EDUCAÇÃOES, DEVIRES E AFETOS**

Múltiplos encontros acontecem diariamente entre os nossos corpos tidos como humanos e os corpos-comida que nos alimentam. Tiago Sales e Daniela Carvalho (2020, p. 144) pensam no encontro entre corpos e comida como territórios de germinação de rizomas, conceito proposto pelos filósofos Deleuze e Guattari:

O alimento que chega até nossos corpos se entrelaça em processos múltiplos. Rizomas crescem conectando a comida com políticas, culturas, histórias, educaçãoes e biologia, através do encontro, no meio dos processos, pois é nesse meio onde a vida acontece. A comida é o encontro, da mesma forma que é política, aprendizado, biologia e cultura, pois comida é vida (SALES; CARVALHO, 2020, p. 144).

Assim, nos abrimos aos encontros, e para que eles aconteçam, é preciso que se esteja à espreita (DELEUZE; PARNET, 1995). Em movimentos de espreita, permitimos sermos atravessados pelos afetos que pediam passagem nestes encontros-gustativos, pelas nossas experiências. Nos diferentes platôs da seção *devir-comida*, em diálogos com as imagens, atingimos velocidades e intensidades pelos encontros entre os nossos corpos e os alimentos.

Comer nos proporciona momentos de encontros, interação e socialização. Não seria a comida o próprio encontro que se materializa na medida em que funde corpos e processos? Ou seja, são os afetos e as transformações palpáveis por objetos orgânicos, humanos e sensíveis, também, encontros preenchidos de cores, cheiros e sabores. O cozinhar é um trabalho coletivo que vai além da cozinha - começa no campo, nas produções de diversos alimentos, no plantio, nos cuidados, na colheita, no transporte, nas vendas e nos preparos. Muitas pessoas participam de nossas refeições - jamais comemos sozinhos -, sempre nos alimentamos através do encontro e do meio (SALES; CARVALHO, 2020, p. 150).

Nos trajetos percorridos em nossos platôs pensamos em devires que acontecem nos encontros com a comida e nas potências que fazem morada nestes territórios, pois nestes encontros gustativos geramos diferenças e movimentos.

Devir-comida é devorar e ser devorado, em movimentos de escuta, espera, atingindo velocidades pelos encontros, agenciando também um devir-inumano. Devir-inumano pela comida é pensar em um modo de existência porvir pelo encontro gustativo que acontece em todo o seu corpo com o alimento que o nutre, seja pelas moléculas bioquímicas que geram calorias, calor, força e vitalidade, ou pelos afetos que vibram e movimentam uma vida, desestabilizando o que havia de sólido na percepção de ser humano. Quiçá, por ambos e ao mesmo tempo: tudo junto. Um devir que vem do exercício de se colocar à escuta do corpo, do que aprendemos nos encontros-corporais. Um exercício de devir-comida: pensar com a língua, mastigar, triturar, digerir teorias, abrindo-se aos afetos que pedem passagem.

Procurar acessos no corpo, forjar aberturas: “Tornar acessível, este abrir, é procurar os acessos. Como acessar as camadas sensíveis, inteligíveis, criadoras, enraizadas, cognitivas etc. de cada corpo?” (GIANUCA; BALESTRERI, 2020, p. 166). Abrir-se, como Lindsay Gianuca e Silvia Balestreri (2020, p. 168) propõem para pensar em uma aula-didática que entra pela pele:

Abrir: metodologicamente, passamos por este verbo-movimento. Não como metáfora, mas como desobstrução dos poros da pele a partir da percepção das forças que nos atravessam. Abrir como movimento de ampliação das potências, entendendo as forças como conceito operativo sobre as formas e matérias, parece ser o primeiro deslocamento para uma didática de acesso aos corpos – produção de pensamento pela experiência. Poroso: ensaio de possibilidades (GIANUCA; BALESTRERI, 2020, p. 168).

Mas mais do que a pele, propomos acessar e pensar com os sensores gustativos da língua, com as células sensoriais olfativas, com as mãos, as cores, sons e texturas que compomos em tessituras pelas experiências de encontrar-nos com alimentos, de cozinhar, de tocar com o corpo inteiro e se fundir com aquilo que nos nutre. Poderia ser uma refeição também uma aula? Aula-comida, devorada, digerida, nutritiva, intensiva. Aula que vaza pela boca, pele, poros, que é absorvida nos órgãos internos na medida em que desestabiliza o que existia de organização. “Comemos o tempo todo. Comemos até o tempo - ou talvez ele nos devore” (SALES; CARVALHO, 2020, p. 146).

Abrir-se aos acontecimentos que nos atravessam, moldam, educam. “Um mesmo acontecimento envolvendo diferentes pessoas, com certeza registra em cada uma delas uma marca diferente. A percepção das coisas e dos fatos é algo pessoal, assim como a memória que se faz disso. Algo incompartilhável” (AMORIM, 2007, p. 3). “A experiência pertence a quem mesmo?”, questiona Antonio Carlos Amorim (2007, p. 11).

Seguimos pelos rastros das experiências e dos acontecimentos que permeiam os nossos territórios de vida e de encontros. Em diálogo com Amorim (2007), buscamos uma destruição do que conhecemos até então como educação, pois, como reflete o autor, “[...] cada vez com mais desconcerto, percebo que é necessária a destruição da substância Educação, e a diferença que daí derivará também não ficaria confortável sob a denominação Arte, Ciência ou Filosofia. Melhor seria localizar-se no meio” (AMORIM, 2007, p. 5). Neste meio encontramos forças através dos encontros, pensando a “[...] educação como obra de arte” (AMORIM, 2007, p. 4). Educação como força do encontro, obra de arte que acontece nos corpos e pelos corpos, em meio aos corpos em criações e experimentações.

Começamos o nosso trajeto pelos platôs, na seção *devir-comida*, por meio da *boca*. Ganhamos intensidades a partir das modulações bucais, território-corpóreo do beijo, do sabor, da fala, do canto, do grito, do vômito, do prazer e do choro. Pelos lábios, línguas e dentes, nos afetamos em mordidas, saboreando os trajetos com as suas dores e delícias, doces e amargos. Modificamos a boca, espaço de entrada - e também possível saída - do corpo. Construímos e destruímos a boca ao longo de nossas vidas. Estar no meio dela é uma forma de deriva pelos sabores e desejos, navegando nas ondas que nos fazem viver - e também morrer - pela boca, mesmo com os perigos que compõem os seus trajetos.

Da boca migramos para *o coração*, e pulsamos. “Coração bobo, coração bola, coração balão, coração São João. A gente se ilude dizendo ‘já não há mais coração’...”<sup>4</sup>. “Coração enigma. Coração solitário. Coração multidão. (...) O coração está em mim, em você, em todos nós. Nos mantém vivos. Nos conecta em silêncio” (CARVALHO; GUIDO, 2018, p. 119). Aprendemos a comer pelo coração. Aprendemos a escutar os afetos que pulsam no peito quando saboreamos em desejos, em sensações, em forças, seja a partir dos barulhos de batimentos ou dos silêncios que nos conectam. Vibramos com o coração-comida “em folha, em graça, em vida, em força, em luz”<sup>5</sup>. Pulsando pelas veias e artérias líquidos que aquecem e nutrem todo o corpo.

Das vibrações no peito, chegamos às mãos. *Mãos que comem*, plantam, colhem, carregam, cortam, cozinham. Mãos que afagam e que também podem machucar. Mãos que escrevem, que riscam, que desenham, que criam e que também destroem. Aprendemos a comer pelas mãos e com as mãos. Aprendemos a aprender pelo toque das mãos. Tateando, sentimos o mundo que nos cerca, percebendo suas texturas, temperaturas, densidades, forças, sinuosidades e potências. Tateando, percebemos que também somos o mundo que nos cerca. Na sensibilidade e força das mãos, nos abrimos aos encontros. Peter Pál Pelbart (2016), em diálogo com a filosofia de Deleuze, reflete sobre os encontros que um corpo passa em sua vida:

Um corpo não cessa de ser submetido aos encontros, com a luz, o oxigênio, os alimentos, os sons e as palavras cortantes - um corpo é primeiramente encontro com outros corpos, poder de ser afetado. Mas não por tudo nem de qualquer maneira, como quem deglute e vomita tudo, com seu estômago fenomenal, na pura indiferença de quem nada abala. Como então preservar a capacidade de ser afetado senão através de uma permeabilidade, uma passividade, até mesmo uma fraqueza? E como ter a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força? (PELBART, 2016, p. 32).

De mãos dadas, com a força dos encontros, buscamos, inspirados em Pelbart (2016), a capacidade de sermos afetados e preservar a força de estarmos à altura de nossas fraquezas, de nossas sensibilidades, fragilidades e delicadezas. Na suavidade das mãos, calos. Nos calos, força. Nas marcas de uma vida, potências. Carregando essas marcas nas mãos e em todo o corpo, *nos servir* em entregas, exposições em movimentos de risco e também de confiança. Servir-nos como ato intensivo de espera e também de esperança, colocando-nos à experimentação do outro para sermos degustados, mastigados, triturados, digeridos. Na espera de um retorno, desapegar dos (auto)julgamentos que limitam, buscando a força nos desejos,

<sup>4</sup> Música Coração Bobo de Alceu Valença.

<sup>5</sup> Música Luz do Sol de Caetano Veloso.

sonhos, dores e delícias<sup>6</sup>. Prontos, mas sempre à escuta dos encontros em suas potências que podem nos dar força para seguir e criar modos outros de existir.

Servimo-nos a partir do que preparamos na *cozinha, território dos afetos*. “Em lenha pro fogo que cozinha estes anos todos a grande panela do mundo”<sup>7</sup>. Na cozinha do mundo nos preparamos para a vida, sempre no meio, no entre, no caminho. “*Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 49). Preparo que acontece diariamente, cozinhando as experiências que nos passam, agitando e nutrindo cada célula de nossos corpos.

A cozinha é território de encontro e o cozinhar como trabalho ativo de colocar-se à espreita dos encontros, à escuta dos afetos. Cozinhar de corpo inteiro, com os olhos, ouvidos, olfato, paladar. Aguçar o tato para os imprevistos que chegam até nós e, como em um jogo de futebol, driblá-los, como em uma dança, com jogo de cintura adicionando sabores ao preparo. *O nosso cozinhar* acontece sozinho ou acompanhado de outras pessoas. Sozinho e acompanhado de outros... afetos, forças, intensidades. Nosso cozinhar acontece dentro e fora da cozinha, na vida, nos territórios que trilhamos e que nos demandam atenção. Com o corpo inteiro, escutamos, degustamos, sentimos. Em pequenos desequilíbrios, cozinhamos diariamente, à procura de potências para uma vida mais intensa e repleta de bons encontros, como também de forças para lidar com o que tenta nos desestabilizar e capturar nossos desejos, reafirmando-os diariamente.

### Considerações finais

A partir dos nossos trajetos, que resultaram nas escritas-encontros presentes nos platôs da seção *devir-comida*, entramos em velocidades e intensidades variadas. As cartografias e as suas derivas nos trajetos materializam o aprendizado vivido pelos encontros entre corpos e comidas, em educações rizomáticas que acontecem no meio, em experimentações, ensaiando percepções outras do mundo, criando poéticas do encontro, do desejo que atravessa corpo, tempo e espaço, em conexões múltiplas.

<sup>6</sup> Inspirado na música Dom de Iludir, de Caetano Veloso.

<sup>7</sup> Música “Sorrir e Cantar como Bahia”, composição de Galvão e Moraes Moreira.

Em nossos processos que perpassam o comer e o cozinhar, devorando e sendo devorados pelos outros que compõem os nossos trajetos, percebemos que os encontros com os alimentos são territórios de intensos devires - devir-comida, devir-molecular, devir-inumano, devir-científico, e... e... e... - , desestabilizando nossas noções de humano, corpo e comida. Estes encontros permeiam todo o nosso corpo em afetos, intensidades e velocidades. A partir desses atravessamentos gustativos que permeiam os nossos corpos, nos educamos, formamos, transformamos, moldamos, fazendo e refazendo uma vida, um corpo e uma subjetividade a partir de aprenderes de si e do outro que acontecem no meio.

### Referências:

AMORIM, A. C. R. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, ano 8, n.15-16, jan/dez. 2007, p.1-12. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23998>. Acesso em: 19 abr. 2021.

BORIAN, C. **No meu laboratório o Amor nasce verde, pulsa do coração das árvores**. 2019. Instagram @clariceborian. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bx-SyVpnglc/>. Acessado em 12 mar. 2021

CARVALHO, D. F.; GUIDO, L. F. E. CORAÇÕES PARA ALÉM DO BIOLÓGICO EM PROCESSOS DE QUESTIONAMENTO DO MUNDO. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 115-130, 1 jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p115>.

CHAVES, S. N. Um chão sem fronteiras: ciência e arte na sala de aula. In: FERREIRA, M. S. *et al.* (Org.). **VIDAS QUE ENSINAM O ENSINO DA VIDA**. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 99-105.2020

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: Éditions Montparnasse, 1995. (Filmado em 1988 - 1989).

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

DOLOREZ, K. **sem título**, 2019. 2019. Instagram @karendolorez. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BxI\\_YqTAWLx/](https://www.instagram.com/p/BxI_YqTAWLx/). Acessado em 10 mar. 2021.

DUPIN, L. **Série "pequenas navegações" 2008 #lucasdupin #artebh #artecontemporanea #art #contemporaryart**. 2016. Instagram @lucas.dupin. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BGE6Z5ZPha8/>. Acessado em 10 mar. 2021.

GIANUCA, L. T.; BALESTRERI, S. Ensino como ensaio para abrir os corpos: movimentos para uma didática do acesso. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 162-177, 14 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.12957/teias.2020.53988>.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século xx. In: HARAWAY, D; KUNZRU, H; TADEU, T. (Org). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118.

LARROSA, J. EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO EDUCAÇÃO. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>

NANCY, J-L. 58 INDÍCIOS SOBRE O CORPO. **Revista Ufmg**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 42-57, jan./dez. 2012. Disponível em: [https://www.ufmg.br/revistaufmg/pdf/REVISTA\\_19\\_web\\_42-57.pdf](https://www.ufmg.br/revistaufmg/pdf/REVISTA_19_web_42-57.pdf). Acesso em 19 abr. 2021.

PELBART, P. P. **O AVESSE DO NILISMO: cartografias do esgotamento**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011. 247 p.

SALES, T. A.; CARVALHO, D. F. Comidas e encontros: conexões entre políticas, histórias, culturas e afetos. **Contraponto**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 143-161, dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/108975>. Acesso em 19 abr. 2021.

VAZ, T. **Aprendizagens em Devir na cidade: visualidades, excessos e narrativas cotidianas**. 2017. 207 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6828>. Acesso em 19 abr. 2021.